

O rádio educativo na percepção de professores da educação básica – O caso rádio escolar do Programa Mais Educação¹

Edgard Patrício²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O Programa Mais Educação, implantado em 2007 pelo MEC, pretende desenvolver uma política de educação integral para as escolas. A oferta de atividades do Programa é dividida em ‘macrocampos’. O macrocampo ‘Comunicação e Uso de Mídias’ oferece às escolas atividades relacionadas ao jornal escolar, rádio escolar, história em quadrinhos, fotografia e vídeo. Essa Comunicação analisa uma pesquisa realizada, no ano de 2014, em 21 escolas de Fortaleza integradas ao Mais Educação e que fizeram opção pela rádio escolar. Foram realizadas 124 entrevistas, a partir de um questionário de 63 questões, com a comunidade escolar. Vamos tratar aqui, especificamente, da percepção dos professores sobre o rádio educativo, e a orientação que eles adotam no desenvolvimento das atividades. Esse é o terceiro artigo elaborado sobre a pesquisa. Antes, tratamos da percepção dos coordenadores do Mais Educação e dos estudantes que participam da rádio escolar.

Palavras-chave: rádio; educação; Mais Educação, professores.

1 O Programa Mais Educação e a rádio escolar

1.1 A proposta

O Programa Mais Educação³, ação desenvolvida pelo Ministério da Educação (MEC), pretende desenvolver uma política pública de educação integral para as escolas brasileiras. Implantado em 2007, a proposta de educação integral do Programa Mais Educação situa-se na trajetória de vários projetos semelhantes presentes em momentos da história do país. Criados pelos mais diversos educadores, esses projetos, embora pontuais e esporádicos, tentaram, a sua maneira, lidar com os desafios do acesso, permanência e aprendizado no contexto da educação do país.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. edgard@ufc.br

³ Essa parte do artigo foi extraído da ‘Apresentação do Caderno’, relativa ao Caderno Pedagógico nº 9, da série Cadernos Pedagógicos do Programa Mais Educação, relativo ao macrocampo ‘Comunicação e Uso de Mídias’, organizada por Jaqueline Moll. O autor teve acesso a esse material, em versão digital, no ano de 2012, embora não conste o ano de sua publicação.

Numa visão crítica do Mais Educação, esses programas buscaram a ampliação do tempo da jornada escolar, mas muitos não questionaram sobre a fragmentação do conhecimento e dos processos educativos e como isso pode interferir na permanência das crianças e dos jovens na escola. Uma educação não somente de tempo integral, mas de proposta integrada e de ampliação de espaços da educação é o desafio a ser vencido pelo Programa Mais Educação.

O Brasil caminhou, nas últimas décadas, para o acesso universal de crianças, adolescentes e jovens ao ensino fundamental. Mas as matrículas nesse nível de ensino superaram a população residente. Esse dado revela que ainda há um represamento de crianças e adolescentes de faixa etária própria do ensino médio (15 a 17 anos) no ensino fundamental. Em 2011⁴, para uma população residente de 29.264.015 na faixa etária de 6 a 14 anos, própria do ensino fundamental, foram efetivadas 30.358.640 matrículas. Em relação ao ensino médio, nem mesmo o acesso foi garantido. Em 2011⁵, para uma população residente na faixa etária de 15 a 17 anos (própria do ensino médio) de 10.580.060 adolescentes, as matrículas alcançaram apenas 8.400.689 dessa população. Em relação a dados qualitativos, em 2013⁶, apenas 89,3% dos matriculados no ensino fundamental lograram aprovação. No ensino médio, o dado é ainda mais preocupante. Apenas 80,1% dos matriculados foram aprovados. Resultados que aumentam a distorção idade-série nos dois níveis de ensino, o que pressupõe maiores evasões escolares.

As estatísticas, explicitadas aqui, apontam para um distanciamento do papel que a instituição escolar representa, de fato, na vida de seus estudantes. Um grande desafio é justamente retomar o sentido que a escola tem para a vida e o sucesso pessoal de cada estudante. Para isso, o Programa Mais Educação parte do princípio que as atividades curriculares e extracurriculares são partes de um único processo com um objetivo comum: a formação plena do educando, derrubando, assim, os limites e os vícios de um turno e contraturno escolares, ou seja, o Programa Mais Educação propõe repensar a estrutura seriada e compartimentada da escola. As atividades propostas nos cadernos do Mais Educação, segundo seu conteúdo, devem dialogar com as disciplinas acadêmicas e os conhecimentos juvenis e comunitários, para que o sentido de “integralidade” seja,

⁴ Ministério da Educação. Censo da educação básica: 2012 – resumo técnico. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013, p. 20.

⁵ Ministério da Educação. Censo da educação básica: 2012 – resumo técnico. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013, p. 24.

⁶ Ministério da Educação - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Taxa de Rendimento, Brasil – 2013.

realmente, exercido. Trata-se da discussão de uma nova ordem curricular na escola, um debate antigo na sociedade brasileira.

1.2 A oferta

A oferta de atividades do Programa Mais Educação é dividida em ‘macrocampos’. Um dos macrocampos é o ‘Comunicação e Uso de Mídias’. Nesse macrocampo são oferecidas às escolas públicas atividades relacionadas ao jornal escolar, rádio escolar, história em quadrinhos, fotografia e vídeo. Em 2010, foram atendidas 9.995 escolas, alcançando três milhões de estudantes. Dessas, 3.911 optaram pelo macrocampo Comunicação e Uso de Mídias. Nesse universo, 2.218 escolas fizeram opção pela rádio escolar. Destaque para o estado do Ceará. De suas 333 escolas integradas ao Mais Educação até 2010 e que trabalham com o macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, 246 optaram pela rádio escolar.

Dados atualizados em 2012, fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, contabilizam 48 escolas, da rede pública municipal, com opção pela rádio escolar e 28.957 estudantes alcançados. No Brasil, o dado mais recente sobre a opção rádio escolar pelas escolas dá conta de que 210.045 estudantes fizeram opção pela rádio escolar em 2012⁷.

O Cadernos Pedagógico 9 (2012), que trata do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias pelo Programa Mais Educação, parte de Umberto Eco (1991) para justificar a importância da discussão sobre o campo dentro da proposta de educação integral do MEC. O texto afirma (2012, p. 8) que Eco chegou a denominar a época que vivemos como ‘Idade Mídia’, pois, “ao contrário das sombras da Idade Média, quando o conhecimento ficou restrito à vida monástica, nossa época tem tanta informação que o ‘excesso de luz’ pode também nos deixar longe da compreensão de tudo que chega até nós”. Mas a perspectiva de Eco aponta a possibilidade de termos uma ação ativa sobre o que é comunicado.

O Caderno (2012, p. 9) torna explícita sua inspiração em Paulo Freire ao falar da aproximação entre as duas áreas, Comunicação e Educação.

⁷ Ministério da Educação. Censo da educação básica: 2012 – resumo técnico. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013, p. 23.

Ora, se a escola tem no âmago da sua existência a construção da autonomia dos educandos, como seria possível realizar essa tarefa sem considerar a comunicação e seu papel na sociedade hoje? É, justamente, no trabalho junto às crianças, adolescentes e jovens e sua relação com a mídia tradicional (chamada mídia de massa) e as novas mídias (como a internet), que a escola tem uma excelente oportunidade de aproximar-se da realidade de seus educandos, ganhar espaço e importância em suas vidas e tornar-se fundamental no desenvolvimento da crítica e da autonomia. Lembremos que a relação entre educação e comunicação não é nova. Paulo Freire (1979) considerava, por exemplo, os dois processos semelhantes: comunicar era uma atribuição básica do educar; o educar seria então uma comunicação específica.

E acaba por assumir o termo Educomunicação como a nova área acadêmica que alia as duas áreas antes específicas, a Educação e a Comunicação. Nesse caso, aproxima-se do pensamento de Martin-Barbero (2008), a partir de uma visão culturalista da realidade. A escola estaria entre as instituições ‘adultas’ que teria perdido força quanto sua ação educativa. E o Caderno (2012, p. 15) aponta como a recuperação desse lugar anteriormente ocupado pode se dar a partir de outra instituição adulta, no caso a mídia. Mas a partir de uma visão crítica da nova instituição.

Decorre disso que, para a escola recuperar o seu papel, deveria, em primeiro lugar, lutar por sua própria legitimidade perante crianças e jovens. Colocamos aqui, como tese, que ela não pode recuperar essa legitimidade se não desvendar, através da crítica, a mistificação proposta pelo mundo da comunicação-mercado. Essa crítica gera a possibilidade de se criar uma cumplicidade com os mais jovens, valorizando e promovendo a busca da autonomia como uma aventura existencial íntima, do pensamento e do conhecimento, e não como uma proposta condicionada, subliminarmente, pela lógica mercantil.

Ismar de Oliveira Soares (2001) é o autor reconhecido pelo Caderno ao tratar da Comunicação e Uso de Mídias na escola, utilizando o termo Educomunicação. O novo campo absorveria seus fundamentos dos tradicionais campos da educação, da comunicação e de outros campos das ciências sociais, superando, desta forma, as “barreiras epistemológicas impostas pela visão iluminista e funcionalista de relações sociais que mantêm os tradicionais campos do saber isolados e incomunicáveis” (2012, p. 16). Soares defenderia que o novo campo acontece a partir de

ações conjuntas em diferentes áreas, ganhando a dimensão de um movimento que caminha sintonizado em torno de uma ideia básica: possibilitar o conhecimento sobre a sociedade midiática, mediante o exercício do uso de seus recursos, sempre

numa perspectiva participativa e integradora dos interesses da vida na comunidade. (2012, p. 16)

As diversas mídias, para o Caderno (2012, p. 18), teriam o potencial de se tornarem parte de um sistema de comunicação entre estudantes, professores, diretores e comunidade escolar. Assim, carregariam o potencial de instigar diálogos para a construção de um projeto político-pedagógico rico e alinhado às características de uma escola que tenha importância na vida de seus estudantes e da comunidade. Mas o caminho para chegar a essa realidade passaria pelo enfrentamento de alguns desafios.

Uma das primeiras percepções na produção de comunicação é a de que um jornal, vídeo, rádio, fotografia e quadrinhos são, por natureza, produtos interdisciplinares, ou seja, exigem a aplicação de múltiplos saberes acadêmicos na sua elaboração. A produção em comunicação é entendida como “uma prática estudantil/escolar, que respeita a autonomia dos estudantes e que deve envolver as mais diversas disciplinas” (2012, p. 19).

O papel social da leitura e escrita é o ponto de partida para que o Caderno (2012, p. 19 e 20) evidencie a importância da ressignificação dos espaços sociais onde as pessoas exercem sua cidadania. A garantia de “acesso aos veículos de comunicação, ao domínio de diferentes linguagens e à produção de comunicação, como forma de participação democrática são elementos fundamentais do programa do MEC e, também, atividades centrais das práticas educacionais”. O exercício da leitura crítica da mídia de massa seria “um dos pressupostos, para que o jornal, revista, quadrinhos, vídeo ou rádio produzidos por crianças, adolescentes e jovens tenham de fato um caráter autêntico e inovador nos programas de *Comunicação e Uso de Mídias*”. Seria preciso antes de qualquer esforço para produzir comunicação, “conhecer e analisar o sistema midiático de massa que, hoje, é ainda dominante. Isso significa entender, profundamente, as relações comerciais dos veículos e o papel importante que eles exercem na construção de valores pessoais e sociais”.

Mas a dimensão da proposta do MEC para o uso das mídias pela escola, consubstanciada no Caderno, não estaria restrita à recepção crítica da comunicação. O Caderno (2012, p. 20) aponta para uma etapa seguinte, de produção da comunicação.

Após a leitura e análise das diferentes mídias, a ênfase da Educomunicação é a produção e, sobretudo, a veiculação, do material feito pelos estudantes. Trata-se de

uma comunicação autêntica dos educandos. Nos jornais, fanzines, rádios, vídeos ou quadrinhos, o estudante é instigado a produzir uma comunicação que faça sentido a ele e sua comunidade; temas que gerem discussão e pautem debates sobre soluções e problemas comunitários ou relativos às questões da juventude em si, como a sexualidade e outros existenciais.

Seria uma primeira aproximação do Caderno ao pensamento de Celestine Freinet (1974). Mais adiante, o Caderno relaciona a prática de Freinet à Escola Nova. A Escola Nova propõe aos alunos atividades diversas – intelectuais, artísticas, físicas, trabalhos manuais – prefigurando o que, hoje, chamamos de educação integral. É dentro dessa perspectiva que aparecem nas escolas as quais aderem a esse movimento, desde o início do século XX, dispositivos de impressão tipográfica (nessa tecnologia, os textos são compostos letra por letra, o que agregava ao trabalho manual a possibilidade de ensinar a língua) e inicia a produção de impressos escolares. O educador francês Célestin Freinet (1896-1966) introduziu na sua prática a técnica da impressão, em 1924, quando seus alunos passaram a produzir textos compostos por eles mesmos, enviando esses textos para outras escolas.

Por último, cabe destacar, ainda, a visão do Caderno (2012, p. 20) em torno da função social da leitura e da escrita nos processos de aproximação entre Educação e Comunicação no ambiente escolar. O uso da língua e da expressão, no processo, seria “fundamental, para que a mensagem seja compreendida pelo receptor (público-alvo da mídia em questão) e o produto de comunicação seja, de fato, eficiente. Trata-se de um exercício constante de pesquisa de linguagem e de uso social da escrita”.

Em suma, na base da proposta do Mais Educação, em relação ao macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, estão as ideias de que vivemos numa ‘idade mídia’, daí a importância do macrocampo; que os projetos que as escolas possam implementar na área devem privilegiar a realidade dos educandos; mais que isso, devem ser construídos levando-se em consideração a autonomia dos estudantes; que devem ser inseridos a partir de uma proposta crítica da comunicação que se pratica hoje; que as propostas implementadas no âmbito do macrocampo devem possibilitar os diálogos para o desenvolvimento de um projeto pedagógico rico; que essas propostas partam de uma visão que envolva as diversas disciplinas; na perspectiva de aproximação entre saberes escolares e comunitários; e que evidenciem a função social da leitura e da escrita.

Como os professores dessas escolas interpretam essas possibilidades? E como constroem, na prática, essa outra comunicação?

2 As percepções dos professores do Mais Educação sobre o rádio educativo

2.1 Contextualizando a pesquisa

2.1.1 A rotina do Mais Educação nas escolas

A partir das 21 escolas que tomaram parte na pesquisa, chega-se à uma apropriação inicial da rotina de implantação do Mais Educação. A cada ano, as escolas fazem a opção pelas atividades que querem desenvolver em torno do Programa. Em média, a escola ‘pode’ escolher entre cinco e seis atividades, do conjunto de atividades que compõem todos os macrocampos do Mais Educação⁸. O MEC também orienta a seleção dessas atividades, daí o ‘pode’ estar entre aspas. Dessas cinco ou seis atividades, uma, necessariamente, tem que ser a de reforço pedagógico, do macrocampo Acompanhamento Pedagógico, de caráter obrigatório para as escolas participantes. E em 2013, o MEC não disponibilizou o macrocampo Comunicação e Uso de Mídias para as escolas rurais. Apenas as escolas urbanas puderam fazer a opção por alguma de suas atividades.

Feitas as opções pelas atividades, as escolas recebem o apoio necessário do MEC para desenvolvê-las. Em relação ao macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, na opção rádio escolar, o apoio alterna-se entre o envio de um kit de equipamentos para escola utilizar ou a remessa de recursos financeiros para que a própria escola adquira os equipamentos⁹. No ano em que o MEC fica responsável pelo envio dos próprios equipamentos, as escolas chegam a esperar um ano para a efetiva remessa. Como a opção das atividades é anual, em algumas escolas os equipamentos chegam sem que a escola tenha mais a opção rádio escolar entre suas atividades do Mais Educação, o que gera descontinuidade de atividades. O atraso na

⁸ São 10 macrocampos à disposição das escolas: 1. Acompanhamento Pedagógico, 2. Educação Ambiental, 3. Esporte e Lazer, 4. Direitos Humanos em Educação, 5. Cultura e Artes, 6. Cultura Digital, 7. Promoção da Saúde, 8. Comunicação e Uso de Mídias, 9. Investigação no Campo das Ciências da Natureza, 10. Educação Econômica. Esses macrocampos oferecem 62 diferentes atividades aos estudantes. (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Passo a passo do Programa Mais Educação. Brasília, 2011)

⁹ O kit de equipamentos é composto de microfone, mesa de som de seis canais, caixa de som amplificada e gravador digital.

chegada dos equipamentos também desestimula a participação dos estudantes e professores, que veem suas expectativas não atendidas ao longo daquele ano.

O MEC, no caso da rádio escolar, também apoia a escola fazendo um repasse de recursos para que ela possa contar com um monitor para acompanhar as turmas formadas. Há uma indicação, mas não uma obrigatoriedade, desse monitor ter formação específica sobre rádio. A remuneração desse monitor é de R\$ 80,00 reais por turma formada. Face à baixa remuneração, ocorre uma rotatividade intensa desses colaboradores. Isso quando a escola consegue atrair algum colaborador para realizar esse trabalho.

Com os equipamentos e monitor disponíveis, inicia-se o processo de desenvolvimento das atividades. Aí, mais um problema ocorre para a implementação efetiva da proposta pedagógica do Mais Educação, do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias. O mesmo estudante que faz a opção, por exemplo, por rádio escolar, tem, obrigatoriamente, que participar de todas as outras atividades selecionadas pela escola para aquele ano. A atividade de reforço pedagógico é diária. Cada atividade toma, em média, 90 minutos das três horas diárias dedicadas ao Mais Educação na escola, no contraturno escolar. Tomando-se por base cinco atividades selecionadas mais o reforço pedagógico, de caráter obrigatório, a cada dia o estudante participa do reforço pedagógico mais uma atividade. Em razão disso, se a escola fizer a opção por rádio escolar o trabalho com essa atividade vai se resumir a 90 minutos semanais, seis horas mensais, o que prejudica qualquer processo formativo que venha a se desenvolver, de caráter mais sistemático.

2.1.2 A seleção do conjunto de dados da pesquisa

Nas 21 escolas que participaram desse levantamento, situadas em Fortaleza, na rede pública municipal e estadual, foram elaborados questionários específicos para diretores, coordenadores do Mais Educação, professores de sala de aula e estudantes¹⁰. O número de entrevistados variou de escola para escola e entre os segmentos, de acordo com a disponibilidade demonstrada pela comunidade escolar. Em relação a professores e estudantes, fizemos uma divisão entre aqueles que participaram da atividade de rádio

¹⁰ Em artigo anterior, intitulado 'Rádio educativo - percepções a partir dos participantes do Programa Mais Educação', apresentado durante o XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2014, fizemos uma discussão sobre a percepção dos Coordenadores do Mais Educação sobre as atividades com a rádio escolar. Num próximo artigo, pretendemos focar a percepção dos estudantes.

escolar e aqueles que não participaram –como nosso intuito era ter uma percepção da compreensão da relação entre rádio e aprendizagem, a partir da proposta do Comunicação e Uso de Mídias, essa separação nos pareceu apropriada, levando-se em consideração quem é apenas ouvinte da rádio escolar e quem é participante ativo do processo de produção da comunicação veiculada pela rádio escolar.

Foram entrevistados 31 professores, entre aqueles que tomaram parte, em algum momento, das atividades da rádio escolar e os que não tomaram parte. Cabe salientar que a participação nas atividades da rádio escolar pode ter acontecido em momentos anteriores ao da realização da pesquisa, uma feita que entre a opção pela atividade e o desenvolvimento efetivo das atividades pode decorrer um intervalo de tempo que pode chegar a 18 meses, dependendo da disponibilidade dos equipamentos, incluída sua instalação na escola. O número de professores entrevistados variou de escola a escola, a partir da disponibilidade encontrada pelos entrevistadores.

2.2 As interpretações iniciais dos dados

2.2.1 A participação dos professores na rádio escolar

O Programa Mais Educação, em sua proposta pedagógica de orientação à execução do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, destaca que as propostas implementadas no âmbito do macrocampo devem possibilitar os diálogos para o desenvolvimento de um projeto pedagógico rico; que essas propostas partam de uma visão que envolva as diversas disciplinas; sobretudo, que esses projetos possam desenvolver diálogos no âmbito da comunidade escolar, o que atestaria a importância entre Comunicação e Educação. Ou seja, não haveria, a princípio, êxito na iniciativa sem a efetiva participação do professorado nas atividades. Mas isso não está sendo vivenciado no conjunto de escolas alcançadas pela pesquisa.

A ausência dos professores nas atividades da rádio escolar é atestada pelos dados. Dos 31 professores entrevistados, apenas 05 (16,1%) tomaram parte, em algum momento, das atividades da rádio escolar e 26 (83,9%) não tomaram parte. Esse resultado é reforçado na sistematização de outro dado da pesquisa. Indagou-se quem definia a programação da rádio

escolar, e quem era responsável por tirar um programa do ar. Em relação à definição da programação, os professores afirmaram uma participação mais autônoma dos estudantes, o que vem ao encontro da orientação do macrocampo. Das respostas colhidas sobre esse aspecto¹¹, o total de 14 (33,3%) assinalou que eram os estudantes que decidiam a programação da rádio escolar. Em seguida seriam os monitores, com 09 afirmativas (21,4%). Em terceira posição, eram os próprios coordenadores do Mais Educação quem decidiam o que veicular nas rádios escolares, com 08 respostas afirmativas (19%). Já os professores foram reconhecidos como participantes da definição da programação da rádio escolar por apenas 03 (7,14%) de seus pares.

Se a participação dos professores era pífia na definição da programação da rádio escolar, essa orientação quase dobra quando de outro processo de gestão dessa atividade do Mais Educação. Falamos da tomada de decisão em relação a retirar um programa do ar da rádio escolar. Das 52 indicações sobre quem seria o responsável por isso, 19 (37,2%) sugeriram ser o diretor ou o núcleo gestor da escola. Outras 15 (27,4%) afirmações indicaram o coordenador do Mais Educação. Somente em seguida vem o professor, com 07 (13,7%) das indicações, um aumento percentualmente considerável em relação ao item anterior, mas ainda pouco expressivo no conjunto dos dados. Os estudantes aparecem com 04 indicações (7,8%). Mais que a baixa participação dos professores nos processos de gestão da rádio escolar, percebe-se um centralismo nesse âmbito, o que aponta para a incapacidade do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias estabelecer um diálogo efetivo entre as diversas disciplinas do currículo e dentro da própria comunidade escolar.

A participação mencionada do professor na tomada de decisão (quem define a programação, quem tira um programa do ar) ainda pode estar mascarada pelo fato do coordenador do Mais Educação também ser um professor, mas que coordena TODAS as atividades do Mais Educação na escola, o que acaba por inviabilizar sua atuação como professor de uma maneira mais efetiva junto à rádio escolar. Vê-se que a perspectiva da colaboração recíproca entre professor e estudante, preconizada pela proposta pedagógica do Comunicação e Uso de Mídias, também está distante de se realizar.

2.2.2 A percepção da aprendizagem

¹¹ Observar que havia a possibilidade de múltipla escolha. Daí o somatório total de respostas não ser igual ao número de professores entrevistados.

Em torno da percepção do rádio educativo, duas indagações do instrumental de pesquisa foram feitas. A primeira, ‘Você acredita que a Radioescola ajuda na aprendizagem dos estudantes?’; e a segunda, ‘O que é o rádio educativo pra você?’. Ambas as perguntas de caráter aberto. Aqui, especificamente, foram sistematizadas as respostas distinguindo os professores participantes dos não participantes das atividades da rádio escolar –na medida em que o próprio envolvimento e possíveis processos formativos levados a cabo pelo professor participante, de alguma maneira, pudesse ter reorientado essa percepção.

Entre os 05 professores que afirmaram ter participado em algum momento das atividades da rádio escolar, apenas 02 afirmaram que esse ambiente pode favorecer, em muito, a aprendizagem. Outros dois indicaram não saber avaliar essa perspectiva e 01 deles se posicionou como se a rádio escolar colaborasse pouco para a aprendizagem dos estudantes. Uma das justificativas para a alta possibilidade de aprendizagem seria o fato de que “Quando tem uma atividade extra, como a rádio, teatro, sarau, ajuda no processo de aprendizagem, convívio. Chamam muito atenção dos estudantes”. Essa afirmação pode indicar uma percepção de distanciamento da aprendizagem da atividade da rádio escolar com qualquer vínculo à sala de aula –embora um maior número de respondentes configurasse uma maior segurança de interpretação.

Mas o que salta aos olhos é a afirmação de um dos professores que participou das atividades da rádio escolar e que considera a aprendizagem dos estudantes algo bem efetivo. Por quê? Simplesmente porque “Eles são obrigados a escrever e a falar”. Que o pessoal responsável pela elaboração da orientação pedagógica do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias possa saber que a indicação do diálogo como estratégia de desenvolvimento das atividades pode não ser tão efetiva entre os professores.

Já entre aqueles professores que observam a rádio escolar de longe, que nunca participaram de suas atividades, a expectativa em relação à melhoria da aprendizagem dos estudantes é considerável. Dos 26 entrevistados, 12 (46,1%) acreditam que essa melhoria pode ser bem efetiva. Do outro lado, 04 (15,3%) indicam que não tem nenhuma vinculação entre a rádio escolar e o processo de aprendizagem e 07 (26,9%) assinalaram não saberem opinar sobre a indagação.

Sobre as justificativas para acreditar-se na relação entre rádio escolar e aprendizagem, um conjunto de respostas apontam para uma das preocupações do Mais Educação, em relação a aprendizagem da leitura e escrita como viés importante da percepção social do estudante. “A parte de leitura e escrita é desenvolvida”, “Melhora a escrita, a fala, capacidade de comunicação”, “Motiva os alunos a produzir, buscar conhecimento, se interessar pelos estudos e ter mais consciência de seu papel como estudante no ambiente escolar”, “Se sentem mais inseridos na sociedade, melhorar autoestima” foram algumas das respostas sistematizadas.

A aproximação dos interesses dos estudantes, outra perspectiva apontada pela orientação pedagógica do Mais Educação, encontra acolhida entre os professores para justificar uma possível melhoria da aprendizagem dos estudantes quando vinculados às atividades da rádio escolar. Entre as respostas, “É uma coisa que eles gostam, nova para eles”, “Quando eles ouviam recadinhos se interessavam em escrever recadinhos e levavam isso pra sala de aula, pois, como o recadinho seria lido, eles queriam escrever direito e pediam ajuda às professoras”, “Eles ouviam música que eles gostavam e levavam os seus recados”. Entretanto, um dos professores chamou atenção para a tênue fronteira entre aproximação de interesses de estudantes e uma utilização restrita do potencial da rádio escolar. Crítico em relação à possível aprendizagem que estaria ocorrendo em sua escola, ele qualifica a utilização da rádio escolar como pouca. “Ela só tem a função de entretenimento”, foi o que afirmou.

Ainda importante salientar outra perspectiva que pode, inclusive, ter influenciado a não participação dos professores nas atividades da rádio escolar, e que repercute também na análise da efetividade da aprendizagem representada pela atividade na escola. Inicialmente, o reconhecimento da própria ausência do professor, e conseqüentemente o distanciamento da rádio escolar da sala de aula (“A falta de interação entre professores e radioescola para que esta seja usada como uma mídia para incentivar a aprendizagem dos alunos.”) e a ausência de formação do professor para assumir tal atividade (“Como foi muito pouco tempo, não é possível avaliar se houve aprendizado, pois não havia preparo ou elaboração da utilização da rádio junto com os professores.”); “Poderia ter. Não tem devido à falta de planejamento e de interação com outras partes da escola.”).

2.2.3 A percepção do rádio educativo

A percepção sobre o rádio educativo entre os professores reforça a ideia do distanciamento sobre o vínculo da rádio escolar com a sala de aula. Não menos importante, mas mesmo assim restrito, o que sobressai nas respostas, entre os professores participantes e não participantes da rádio escolar, é a dimensão mais ampla do referencial educativo. Poderíamos estabelecer três níveis nessas percepções. O primeiro, os que veem ainda alguma aproximação entre o educativo e o escolar, a partir do ensino: “Um momento no qual o aluno pode ler um texto produzido em sala, mostrar seus gostos musicais. Tudo isso é aprendido. Pode fazer comunicados da escola. A música em si também é uma coisa importante para o ser humano”; “É um meio de comunicação que ajuda a divulgar informações de interesse dos alunos, mais da área da educação (cursos e outras informações relativas à aprendizagem)”; “Transmite conhecimentos contextualizados na sala de aula e no dia-a-dia através da rádio”.

Outro conjunto de respostas, representativas do segundo nível da relação entre o educativo e o escolar, amplia a percepção da aprendizagem. Para esses professores, o rádio educativo “fala de educação de um modo geral: pesquisa, resultado de um problema que a escola tenha, questões relativas à educação como um todo, atender algumas ansiedades dos alunos”; “Um movimento que vai ajudar no desenvolvimento dos jovens, ensiná-los a partilhar o seu conhecimento e se enriquecerem nessa partilha”; “É um recurso a mais que você pode utilizar para melhorar a aprendizagem dos alunos. É um recurso que eles gostam, uma forma de os alunos serem responsáveis pela aprendizagem deles”.

Por fim, num terceiro nível, o rádio educativo percebido dentro de uma compreensão bastante ampla da aprendizagem, com pouca vinculação com o ensino e a sala de aula. Na opinião desses, o rádio educativo seria “Uma possibilidade de integração do aluno com a sociedade, com a comunicação. Uma oportunidade de perceber que não somos tão individuais, tão formados, mas temos a necessidade de viver o outro, informar o outro, capacitar e fazer algo pelo outro”; “É quando você faz com que o aluno perceba não só o seu mundo, mas também veja o mundo em volta dele. Todas as condições financeiras, sociais, e que eles saibam encontrar assuntos que eles possam estar interagindo, lendo, se

informando, comunicando, eu acho que isso é rádio educativa”; “Deve tratar de assuntos relativos à cidadania, ética, meio ambiente, no sentido de educar o cidadão”.

Três âmbitos são perceptíveis sobre a percepção do rádio educativo nessa aproximação. Num primeiro momento, a perspectiva ampla, mas ainda assim vinculada à escola. Para eles, participantes e não participantes das atividades da rádio escolar, o rádio educativo ‘Serviria bem para a escola. Tem gente que se dá melhor com o rádio do que falando. Ajuda na desenvoltura das pessoas’; ‘Que ensina, fala poesias, recomendação de livros, várias coisas voltadas para a escola’; ‘Uma rádio que ensine’; que ‘Possa transmitir ideias e valores dentro da escola. Tirando essas músicas que não tem estilo e não colocar dentro da escola. Colocar músicas de cultura’.

3 Mais algumas considerações

A formação dos professores?!

Não excludentes, mas uma complementaridade entre os três níveis de percepção do rádio educativo

Esse é o terceiro artigo que produzimos a partir da pesquisa que realizamos em 21 escolas de Fortaleza sobre o desenvolvimento das atividades vinculadas à opção rádio escolar, do macrocampo Comunicação e uso de Mídias, do Programa mais Educação. No primeiro, trabalhamos a percepção dos coordenadores do Mais Educação sobre o rádio educativo. Um segundo, incorporou a percepção dos estudantes. Esse terceiro traz a visão dos professores, e a discussão sobre a noção de aprendizagem. Acreditamos que, além das constatações específicas de cada grupo de respondentes da pesquisa, uma visão geral, que possibilite inter cruzar essas percepções, poderá nos revelar outras perspectivas de análise.

Para a construção de uma proposta de rádio educativo que avance ao encontro dos princípios postos pelo MEC, é fundamental, antes de tudo, uma percepção crítica do modelo e conteúdo da comunicação mais utilizados em nossa realidade. Seria até defensável afirmar que, ao contrário do que afirma o MEC, não seria necessário a postulação de um etapismo quanto ao fluxo de primeiro se perceber criticamente a comunicação para depois se produzir uma comunicação ‘autônoma’, ou ‘educativa’. Mas

essa percepção crítica da comunicação está ausente da fala dos professores, mesmo considerando-se suas boas intenções. E são esses aspectos contraditórios que, se encaramos o conflito como algo positivo, podem render bons diálogos, no intuito de reconhecer as distâncias entre o pensar e o fazer. Uma dessas distâncias, as deficiências, ou mesmo ausências, dos processos formativos junto aos professores que participam das atividades específicas do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias.

Outra consideração possível é sobre a percepção ampla que os professores têm do rádio educativo. Seria essa percepção vinculada a uma interpretação negativa da sala de aula, ou mesmo da escola? A notada ausência do professor dos processos que envolvem a rádio escolar poderia estar fortalecendo essa compreensão? Com a participação efetiva dos professores, nas atividades da rádio escolar, poderia se esperar uma reorientação dessa percepção? Ou um aprofundamento? Como trabalhar a percepção do rádio educativo e da aprendizagem na perspectiva de articulação entre os âmbitos micro e macro desses processos? Desafios para novas análises...

Referências bibliográficas

ECO, U. *O superhomem de massa*. S. Paulo: Perspectiva, 1991.

FREINET, C. *O jornal escolar*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Caderno Pedagógico 9 – Comunicação e Uso de Mídias*. Série Cadernos Pedagógicos do Programa Mais Educação. Brasília, [2012?].

SOARES, I. *Caminhos da educomunicação*. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.